

AS USINAS

A riqueza que chega ao Interior

A greve dos bóias-frias atinge uma das principais regiões produtoras do Estado, onde predominam as rentáveis culturas de cana-de-açúcar e laranja. A exportação de sucos cítricos aumentou de forma significativa nos últimos anos, em decorrência das geadas que afetaram os laranjais da Flórida, nos Estados Unidos. Na esteira do incremento nas vendas, os preços da terra dispararam, faltam mudas no mercado, o comércio local é próspero e os produtores reivindicam, este ano, pagamento em dólar. A cana vem abocanhando espaços cada vez maiores e o ano passado a Comissão Executiva Nacional do Alcool (Cenal) recebeu, para exame, 184 projetos de implantação de destilarias — em diversas regiões — dos quais apenas 30 não solicitavam financiamento do Proálcool.

A euforia provocada pela alta da laranja pode ser explicada por motivos bem palpáveis. Em 80, o Brasil exportou 401 mil toneladas de suco, segundo dados da Cacex. Em 83, as exportações subiram para 550 mil toneladas e, o ano passado, ultrapassaram a casa de 600 mil toneladas, tomando-se a terceira maior fonte de divisas para o País, da ordem de US\$ 1,4 bilhão. Em apenas um ano, a tonelada de suco aumentou 63%, levando o preço para o mercado internacional para US\$ 1.800 a tonelada, no início deste ano. Em março passado, a tonelada de suco custava US\$ 1.250.

Os preços pagos ao produtor também evoluíram muito nos últimos anos. Dados fornecidos pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria da Agricultura, mostram que se a laranja era vendida por Cr\$ 90 a caixa, em 80, alcançou Cr\$ 400, em 81. Em 82, a caixa era comprada pela indústria de suco por Cr\$ 400, em 83, por Cr\$ 850, e preço inicial pago em 84 — Cr\$ 3 mil — gerou uma onda de protestos, diante de notícia de que a Cacex havia elevado o suco de US\$ 1.250 para US\$ 1.450. Depois de meses de negociação, um acordo fixando o pagamento em Cr\$ 4.500 por caixa acabou sendo fechado. Este ano, os produtores reivindicam pagamento em dólar — US\$ 4,5 por caixa.

A laranja é uma das mais fortes moedas que circulam hoje no Interior paulista, e cidades como Bebedouro, Limeira, Santa Ernestina, Taquaritinga e Matão mantêm os maiores laranjais do mundo, responsáveis pela prosperidade da região. As 21 indústrias de sucos existentes em São Paulo industrializam 4/5 da produção de laranja, 25% da de tangerina e 15% dos limões, com capacidade para processar 250 milhões de caixas.

Trabalhando com uma capacidade ociosa entre 20% e 30%, a agroindústria citrícola mantém cerca de 120 mil empregos diretos.

Este panorama explica a prosperidade de cidades como Bebedouro e Matão, que possuem uma taxa de mortalidade infantil 35% menor que a Grande São Paulo, com instalações de água, esgoto e energia elétrica atingindo 100% dos domicílios. Em Matão, o orçamento municipal para este ano é quatro vezes maior que o de 83. Bebedouro aumentou, em dois anos, sete vezes sua receita com impostos. A citricultura emprega quase 300 mil pessoas, entre mão-de-obra fixa e temporária.

Sete dias depois da "geada histórica" que atingiu os pomares da Flórida, um em dezembro de 83, as terras com laranja, que eram vendidas por Cr\$ 5 milhões o alqueire, passaram para Cr\$ 50 milhões. Em janeiro deste ano, os preços "se estabilizaram" entre Cr\$ 21 e Cr\$ 42 milhões dependendo da produtividade do pomar. As mudas desapareceram do mercado, apesar de

passarem de Cr\$ 200 cada, em 83, para Cr\$ 15 mil, o ano passado. O dinheiro circula na região, ampliando outros setores, como o comércio. De cada cinco carros vendidos em Bebedouro, quatro são pagos à vista. Os bancos disputam a preferência de clientes, que fazem altos investimentos em open market e cadernetas de poupança.

As maiores aplicações continuam sendo feitas nos laranjais. Não sem motivos. Dejair Ruy, dono de 75 hectares em Bebedouro, espera colher 45 mil caixas este ano, que lhe dará uma renda de Cr\$ 900 milhões, 260% a mais que na safra passada, enquanto a Coopercitrus faturou, em 84, Cr\$ 107 bilhões, 67 vezes mais que em 80. Só uma grande preocupação entre os produtores: a possibilidade de uma superprodução nos próximos anos, pois, a cada safra, 10 milhões de árvores entram em produção no oeste paulista.

No caminho do álcool

O Proálcool, implantado em 79, continua causando polêmicas. Os que o acusam, dizem que o programa é Inflacionário, rouba terras da agricultura de subsistência, diminuiu o emprego no campo, gerando levadas cada vez maiores de bóias-frias. Os que o defendem, acenam com incrementos à exportação, com a exportação do bagaço na indústria como fonte de energia e calor e, principalmente, com as perspectivas da álcool-química, que, no futuro, pode substituir a petroquímica em 70%.

Apesar da discussão, a cana-de-açúcar continua avançando. A taxa de crescimento da área plantada verificada entre 69/74, de 6,2% ao ano em São Paulo, pulou para 9,4% entre 75/83. A produção, que crescia 4,5% ao ano no primeiro período, passou para 12,9% no segundo, segundo dados do IEA. A área plantada na safra 81/82 era 1.594.950 hectares, com uma produção de 94.190.000 toneladas. Na safra 83/84, 1.767.000 hectares eram ocupados pela cana, com uma colheita de 114.300.000 toneladas e as estimativas para este ano falam em 1.842.800 hectares, com uma produção de 116.670.000 toneladas.

O Estado produzia 2,6 bilhões de litros de álcool em 80/81, passando para 3,8 bilhões em 82/83. O ano passado, foram produzidos 5,3 bilhões de litros. Frente a estes números, o crescimento do açúcar pode ser considerado modesto: de 3,8 toneladas em 80/81, para 4,3 em 82/83 e 4,34 na última safra. Das 344 indústrias existentes no Brasil, 148 estão em São Paulo.

Com preços administrados pelo governo, através do Instituto do Açúcar e do Alcool, os produtores, que recebiam Cr\$ 1.952 a tonelada em janeiro de 82, fecharam o ano com Cr\$ 3.848. Em março de 83, os preços passaram para Cr\$ 4.733 a tonelada e, em outubro, para Cr\$ 9.292. Em março de 84, a tonelada de cana custava Cr\$ 13.733 e, em outubro, Cr\$ 30.560. Novamente reajustado em fevereiro deste ano, a cana passou para Cr\$ 45.840 a tonelada e nova elevação deve acontecer nos próximos dias.

O número de novas destilarias de álcool pode ser brechado com a recente decisão do governo de não financiar, subsidiar ou dar qualquer tipo de ajuda para a instalação. O ano passado, a exportação do excedente de um bilhão de litros de álcool foi responsável por divisas da ordem de US\$ 250 milhões. E enquanto o País se assusta com o rombo financeiro do IAA, calculado em Cr\$ 5,5 trilhões, os empresários do setor concentram esforços para colocar no Exterior o álcool combustível, que ampliaria as possibilidades de equilibrar o mercado mundial de cana-de-açúcar, com estoques calculados em 38 milhões de toneladas.

Jane Soares

(Página 11)